

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE
WARD

o meu

ADORÁVEL

vizinho

Ele é arrogante, convencido e intrometido, mas...
capaz de alimentar qualquer fantasia!

TOP
SEL
LER



Prólogo

Quando ele parou o carro em frente ao nosso apartamento, senti um aperto no estômago. Soube com toda a certeza. Nas últimas semanas, sentia uma tempestade a formar-se lentamente. Não me perguntem como, mas, por algum motivo, o meu coração pressentiu que naquela noite seria quebrado em milhões de pedaços.

De qualquer forma, já vinha a partir-se a pouco e pouco.

O Elec não era o mesmo desde que voltara do funeral do pai em Boston, há umas semanas. Alguma coisa o tinha mudado. Inventara todas as desculpas possíveis para não dormir comigo. Isso mesmo. De um momento para o outro, o meu namorado — o amor da minha vida — com um apetite sexual voraz, deixara de me desejar. Era como se um interruptor se tivesse desligado dentro dele. Essa foi a minha primeira pista, mas existiram muitos outros sinais que indicavam que o homem que eu pensava ser a minha alma gémea deixara de me amar.

Desde que voltara, passava as noites a escrever como um louco em vez de vir para a cama. Tudo para me evitar. Os beijos dele, que costumavam ser repletos de paixão, eram agora meramente ternos, por vezes recatados.

Embora soubesse *o que* se estava a passar, não fazia a mínima ideia de *como* ou *porque* tinha acontecido. Eu *acreditara* que ele me amava. Sentira-o durante tanto tempo. Era um amor genuíno. Então como podia tudo mudar tão depressa?

A porta abriu-se lentamente, com um rangido. O meu corpo ficou hirto enquanto me sentava na beira da cama e me preparava para o pior.

O Elec tirou os óculos e pousou-os sobre a secretária. Depois enfiou as mãos lentamente e com nervosismo nos bolsos. Duvidei que alguma vez voltasse a sentir aquelas mãos a afagar o meu corpo. Tinha os olhos vermelhos. Teria estado a chorar no carro? Depois ele proferiu as palavras que começaram a quebrar qualquer confiança que tivesse no meu próprio discernimento.

— Chelsea, quero que saibas que fiz todos os possíveis para não te magoar.

O restante foi um emaranhado de palavras, mascaradas pela dor e a tristeza colossais que cresciam no meu peito e me toldavam o cérebro.

Não sabia como iria conseguir recuperar daquela dor, como iria voltar a confiar no amor. Porque eu acreditava verdadeiramente que ele me amava. Eu acreditava que o amor era indestrutível.

Estava enganada.

Audição supersônica

A minha irmã mais nova é dada a teatralidades. *Literalmente.* A Jade é atriz na Broadway.

Ela bateu palmas, aplaudindo os estudantes corajosos que tinham feito provas para o musical *Joseph and the Amazing Technicolor Dreamcoat*.

— Fizeram todos um excelente trabalho hoje! Amanhã escolheremos os atores e daremos início ao primeiro ensaio. Vai ser um musical épico!

Esta semana a Jade veio à Baía de São Francisco visitar a nossa família, e ofereceu-se para fazer voluntariado no centro de juventude onde eu trabalho. Visto não haver tempo suficiente para produzir uma peça completa, a Jade decidiu orientar os miúdos numa das cenas mais importantes do musical, que seria interpretada mais tarde nessa semana.

Eu adorava o meu trabalho como diretora de artes do Centro de Juventude de Mission. Era praticamente a única coisa que corria de feição na minha vida. O único ponto negativo era o facto de estas paredes estarem assombradas pelas memórias do meu ex-namorado, o Elec, antigo técnico do centro de juventude. Foi assim que nos conhecemos. Ele também adorava o trabalho, até se despedir para ir viver para Nova Iorque depois de terminarmos o namoro. Mudou-se para estar com *ela*. Abanei a cabeça para afastar os pensamentos dele e da Greta.

A Jade pegou na mala.

— Preciso de voltar a tua casa para ir à casa de banho e comer qualquer coisa.

Tinha acabado de me mudar para um apartamento novo a apenas alguns quarteirões do meu trabalho. A vigência do contrato de arrendamento da casa que partilhava com o Elec na outra ponta da cidade tinha finalmente terminado. Embora o meu ex-namorado tivesse continuado a enviar-me metade da renda durante o restante período do nosso contrato depois de se ter ido embora, eu mal podia esperar para abandonar a casa. Todos os cantos me faziam lembrar dele e dos meses terríveis que se seguiram ao nosso rompimento.

O meu apartamento ficava mesmo no centro sul da zona de Mission. Adorava a cultura do meu novo bairro. As ruas eram ladeadas de cafés e bancas de frutas. Também era uma meca para a cultura latina, o que era fantástico, exceto por me fazer lembrar o Elec, que tinha ascendência equatoriana. As pequenas memórias do homem que me partiu o coração estavam por toda a parte.

A Jade e eu descemos o passeio e parámos numa banca de fruta para que ela pudesse comprar algumas papaias, para fazer um *smoothie* durante a tarde que passaríamos em minha casa. Acabámos por comprar dois cafés para levar.

Eu dobrei a abertura da tampa do café com cuidado, à medida que caminhávamos.

— Pois é, maninha, nunca pensei que estaríamos na mesma situação ao mesmo tempo.

A Jade tinha levado há pouco tempo com os pés do seu namorado músico.

— Sim. Mas a diferença é que eu sinto que tenho mais distrações na minha vida do que tu. Não é que não pense no Justin. Não é que não me sinta triste, mas os espetáculos mantêm-me tão ocupada que quase não tenho tempo de estar a remoer no assunto, percebes?

— Eu contei-te que tenho andado a fazer sessões de terapia por telefone, não contei?

A Jade bebeu um gole e depois abanou a cabeça.

— Não.

— Tenho. Descobri uma psicóloga especializada em traumas provocados por relacionamentos falhados, mas ela vive no Canadá. De qualquer modo, fazemos sessões por telefone uma noite por semana.

— Está a ajudar?

— Desabafar ajuda sempre.

— Sim. Mas sem ofensa, não pareces nada melhor. De qualquer das formas, podes sempre desabafar com a Claire ou comigo. Não precisas de pagar uma pipa de massa para falar com uma estranha.

— Só posso falar com alguém à noite. Tu estás em palco nessa altura, e a Claire está demasiado ocupada a ser uma recém-casada feliz. Além disso, ela nunca sofreu nenhum desgosto de amor. Ouve, mas não compreende.

A Claire, a nossa irmã mais velha, casou com o namorado do liceu. Apesar de termos sido sempre próximas durante a nossa infância, passada nos arredores de Sausalito, sempre me senti mais confortável a desabafar com a Jade.

Quando chegamos ao meu prédio, a minha irmã detém-se para se sentar num dos bancos instalados na esquina do pátio vedado.

— Vamos sentar-nos um pouco para bebermos os nossos cafés. — O olhar dela atravessou o relvado em direção ao meu vizinho em tronco nu. — OK... quem é o jeitoso de gorro que está a vandalizar a propriedade?

— Que fetiche é esse com os gorros?

— O Justin costumava usar um. É por isso que os adoro. Não é triste?

— Isso é triste.

— Isto vindo da rapariga que ainda dorme com a camisola do ex-namorado.

— É confortável. Não tem nada que ver com o Elec — menti. Era o único pertence dele que eu me permitia ter. Deixava-me triste, mas usava-a na mesma.

— Então... quem é aquele fulano?

Não sabia o nome do meu vizinho, mas de vez em quando via-o a grafitar o muro de betão que contornava o prédio. Usava o muro

como se de uma enorme tela se tratasse. Os seus *graffiti* eram uma verdadeira obra de arte e não podiam, de forma alguma, ser considerados básicos. Representavam uma mistura complexa de imagens celestiais e geográficas. Ele continuava gradualmente a acrescentar diferentes desenhos à parede. Era um trabalho inacabado. Só podia depreender que ele tencionava pintar todo o perímetro do prédio, enquanto houvesse espaço no muro.

— Ele vive aqui no prédio, no apartamento ao lado do meu, por acaso.

— O que é que ele está a fazer? Eles deixam-no pintar aquilo ali?

— Não sei. A primeira vez que o vi, pensei que estava a vandalizar o prédio. Mas ninguém se parece importar ou querer dar-se ao trabalho de o travar. Acrescenta todos os dias um desenho ao mural. Para dizer a verdade, está muito bonito. Mas não combina com a personalidade dele.

A Jade soprou o seu café.

— Como assim?

— Ele não é lá muito simpático.

— Falaste com ele?

— Não. Simplesmente não é simpático. Já tentei estabelecer contacto visual, mas ele passa por mim e finge que não me vê. Tem dois cães grandes, que são bastante ferozes. Estão sempre a ladrar. Ele passeia-os todas as manhãs.

— Talvez seja uma espécie de génio com muito jeito para a arte. Ou talvez seja um génio com aptidões sociais limitadas. Que nome é que se dá a isso?... Síndrome de Asperger?

— Não. Ele comunica bem. Já o vi aos gritos com algumas pessoas. Tenho quase a certeza de que ele não padece dessa síndrome. O tipo simplesmente não é simpático. Não sofre de síndrome de Asperger. É só um idiota.

A Jade riu-se baixinho.

— Acho que devias levar-lhe uns queques acabados de fazer, embrulhados num cesto. É o que fazem os vizinhos. Pode ser que se descontraia ou que te descontraia a *ti*.

— Queques, hã? Isso é código para quê?

— Queques... quecas. Vai dar ao mesmo. Se eu vivesse aqui, ele não me escapava. Mas eu *não* vivo aqui. Tu vives. E precisas de uma distração. Eu digo que devia ser ele.

Admirei-lhe os ombros largos e as costas musculadas e bronzeadas à medida que o braço dele movia a lata de spray para cima e para baixo.

— Meu Deus, ele não te faz lembrar o Elec? Braço com tatuagens... cabelo escuro. Artista. Basicamente, é o *último* tipo de homem que me interessa neste momento.

— Então, se um homem te fizer lembrar o Elec, ou for parecido com ele, é automaticamente desqualificado? Está destinado a fazer a mesma coisa que o Elec fez? É esse o teu raciocínio? Isso é simplesmente estúpido.

— Talvez seja um pensamento idiota. Mas a última coisa que quero é estar com alguém que me faz sequer lembrar o Elec.

— Bem, é uma pena, porque o Elec era uma brasa e este fulano é ainda mais jeitoso.

— Podes relembrar-me por que motivo estamos a discutir este assunto? O tipo nem sequer me cumprimenta. Ele não pediu para ser incluído nesta versão delirante do *The Bachelorette*. Não está interessado.

O meu Adorável Vizinho limpou subitamente o suor da testa, tirou a máscara que lhe cobria o nariz e a boca e deitou as latas de spray para o interior de uma mochila preta. Pôs uma alça no ombro e, quando eu pensava que ele iria dirigir-se para a saída do pátio, começou a caminhar na nossa direção. A Jade endireitou as costas no banco e eu detestei o facto de a minha pulsação ter acelerado ligeiramente.

Os seus olhos estavam fixos em mim. Não diria que se tratava de um olhar irritado, mas não estava a sorrir. A luz do sol incidiu diretamente nos seus olhos azuis, que brilhavam e se destacavam contra a sua pele bronzada. A Jade tinha razão, este tipo era verdadeiramente deslumbrante.

— Os de mirtilo são os meus preferidos — disse ele.

— O quê?

— Os queques.

— Oh.

A Jade soltou uma risadinha, mas permaneceu em silêncio, deixando-me sofrer sozinha aquela humilhação.

— E não sou nem antissocial nem um génio. Sou só um idiota à moda antiga... com audição supersónica. — Ele sorriu e afastou-se antes que eu conseguisse dizer alguma coisa.

Quando ele desapareceu de vista, desta vez a sério, a Jade suspirou.

— Os homens zangados são os melhores na cama.

— É mais forte do que tu, não é? Não causaste estragos suficientes? Sempre te disse que falas alto quando pensas que estás a sussurrar. Agora aí está a prova... às minhas custas.

— Vais agradecer-me mais tarde, quando o Artista Zangado armado em Van Gogh estiver a fazer-te um minete e te deixar a gemer com um orgasmo.

— És louca.

— É por isso que me adoras.

— Pois é.

Orgasmo latido

Uma semana depois, a Jade regressou a Nova Iorque. Já estava a morrer de saudades dela. O único motivo pelo qual ainda não a fora visitar era por saber que o Elec também vivia lá com a Greta. Embora fosse altamente improvável esbarrar com ele, ainda não estava preparada para visitar o território deles.

Eu e o Artista Zangado não nos voltáramos a cruzar desde o incidente ocorrido durante a visita da Jade. Embora não o tivesse voltado a ver, os cães dele ladravam desalmadamente e acordavam-me quase todas as manhãs. Como fazia o turno da tarde no centro de juventude, tinha as manhãs livres. Por norma, tinha dificuldade em adormecer à noite e precisava das manhãs para pôr o sono em dia.

A situação era grave ao ponto de eu não conseguir lidar mais com os latidos. Se um dos cães não ladrava, ladrava o outro. A maior parte do tempo era um coro de latidos em unísono. Estava a marimbar-me para a beleza intimidante dele. Precisava de abordar o assunto com o meu vizinho.

Na terça-feira de manhã saí da cama e vesti um fato de treino. Coloquei um pouco de corretor de olheiras antes de me encaminhar para a porta dele e bater.

Ele abriu a porta vestido com uma t-shirt branca e justa. Tinha o cabelo desgrenhado de ter estado a dormir.

— Posso ajudar-te?

— Preciso de falar contigo sobre os teus cães.

— O quê? Não trouxeste nenhum cesto de queques?

— Não, lamento. Não teria energia para cozinhar, visto que não consigo dormir por causa do latido incessante dos teus animais.

— Não há nada que eu possa fazer em relação aos latidos. Já tentei de tudo. Eles não se calam.

— E até conseguires que se calem, o que é suposto que os restantes inquilinos façam?

— Não sei. Comprar tampões para os ouvidos?

— Estou a falar a sério. Deve haver alguma coisa que possas fazer.

— Para além de lhes pôr um açaimo... o que não farei... não, não há. De qualquer das formas, estás a ouvi-los ladrar agora?

Por algum motivo, eles tinham parado.

— Não. Mas é raro eles estarem assim sossegados de manhã e sabes bem disso.

— Olha, se quiseres queixar-te ao senhorio, força. Não te posso impedir. Mas não há nada que eu possa fazer para os impedir de ladrar que ainda não tenha tentado. Eles têm vontade própria.

— Bem, então terei de fazer isso mesmo. Obrigada por me obrigares a recorrer a essa opção. Obrigada por nada. — Afastei-me e logo de seguida ouvi a porta a bater violentamente atrás de mim.

Assim que entrei no meu apartamento, os latidos recomeçaram.

Deitei-me na cama e pensei que só havia uma coisa que poderia fazer para me sentir relaxada o suficiente para adormecer no meio dos latidos. Apesar de não querer recorrer a essa solução, agarrei nos meus auscultadores com cancelamento de ruído da *Bose* e coloquei-os sobre as orelhas para bloquear parte do som. Embora não estivesse a ouvir música, os auscultadores ajudaram. Mas eu dormia de lado. Os auscultadores apenas seriam uma solução viável se dormisse de costas. A única altura em que me deitava nessa posição horizontal era quando me masturbava. E porque é que subitamente comecei a pensar no Artista Zangado? Infelizmente, a ideia de me tocar trouxe de imediato imagens indesejadas dele. Não queria pensar nele dessa forma. Ele era um idiota e não merecia ser o objeto do meu desejo! Mas cheirava tremendamente bem,

a um misto de especiarias e almíscar e homem. Não temos controlo sobre as nossas fantasias. O facto de ele ser antipático e inatingível tornava-o ainda mais um alvo provável dos meus pensamentos proibidos. À semelhança do que aprendi numa aula de Psicologia na faculdade, a supressão de um pensamento transforma-o muitas vezes numa obsessão. Se dissermos a nós próprios para não pensarmos numa coisa, pensaremos ainda mais nessa coisa.

Enfiei as mãos por dentro das calças e comecei a massajar o clitoris. Meu Deus, nem sequer sabia o nome dele. Isto era doentio, mas, neste momento, não importava. Imaginei o corpo dele sobre o meu, a penetrar-me e a foder-me furiosamente. Ainda conseguia ouvir os latidos ao fundo enquanto balançava o corpo para trás e para a frente e atingia um clímax dos mais potentes da minha vida.

Caí sobre as costas e consegui dormir durante uma hora.

O sol do meio da manhã atravessou a janela. Pestanejando para manter os meus olhos sonolentos abertos, reparei que os latidos tinham parado. Os animais deviam ter ido dar um passeio.

Tinha algumas horas antes de entrar ao trabalho, por isso decidi procurar o número de telefone do dono do prédio. Havia um escritório do condomínio no prédio, mas a mulher que trabalhava lá era bastante permissiva. Suspeitei de que ela não levaria a sério a minha queixa sobre os latidos, por isso achei que seria melhor falar diretamente com o dono. Apenas tinha tratado do arrendamento com a mulher do escritório, e nunca tinha falado com o senhorio.

Uma pesquisa na Internet teve como resultado o nome D. H. Hennessey, Lda. Havia um número de telefone de contacto, mas a chamada foi remetida para um correio de voz com uma saudação automática. Queria falar pessoalmente com alguém, por isso desliguei sem deixar mensagem. Reparei que a morada mencionada era no primeiro piso deste prédio. Decidida a descer até lá, vesti um vestido, calcei uns sapatos e penteei o cabelo.

Bati à porta, respirei fundo e aguardei. Quando a porta se abriu, quase caí para trás ao vê-lo.

O Artista Zangado estava do outro lado, em tronco nu, e novamente com a porcaria do gorro. O meu coração batia acelerado.

Escorria suor do seu peito tonificado e eu podia jurar que fiquei com água na boca.

— Posso ajudar-te? — Ele repetiu a pergunta que me tinha feito quando abriu a porta do seu apartamento. Uma sensação de *déjà vu* apoderou-se de mim, como se estivesse num episódio da *The Twilight Zone* ou num pesadelo onde, fosse qual fosse a porta que eu abrisse, ele estaria lá.

— O que estás aqui a fazer?

— Este é o meu apartamento.

— Não. O teu apartamento é ao lado do meu.

— Exato. Esse é o meu apartamento. Este é o meu *espaço*. O meu estúdio de arte e ginásio.

— Esta era a morada atribuída ao senhorio.

Um sorriso irónico espalhou-se pelo rosto dele. Subitamente, senti-me a pessoa mais estúpida do mundo à medida que me dava conta da realidade: ele *era* o senhorio. Por isso é que o sacana me tinha incentivado a apresentar uma queixa formal.

— És o D. H. Hennessey...

— Sim. E tu és a Chelsea Jameson. Crédito excelente, boas referências... mas passas a vida a queixar-te.

— Bem, isto explica muita coisa... o motivo pelo qual te é permitido vandalizar a propriedade e ser um idiota chapado para os teus vizinhos.

— Dificilmente descreveria a minha criação de *arte* como vandalismo. Não viste a zona circundante deste bairro? É uma meca da arte. O meu mural não é o único. E estás a exagerar em relação aos cães. Portanto: quem é o verdadeiro idiota nesta situação? Digamos que é discutível.

Conseguia ver atrás dele várias telas pintadas a tinta de spray e o banco de pesos e outros equipamentos de ginásio.

— Onde estão os cães agora?

— Estão a dormir.

— Os cães dormitam?

— Sim, dormitam. Estão a pôr o sono em dia porque as tuas queixinhas os impediram de dormir esta manhã. — Ele esboçou

um sorriso malandro. De repente apercebi-me do quanto esta conversa o estava a divertir.

— Como é óbvio, o D é de *demónio*, certo?

Ele não respondeu de imediato, limitando-se a fitar-me por momentos antes de dizer:

— O D é de Damien.

Damien.

Claro que ele também tinha de ter um nome sensual.

— Damien... como a personagem do filme *O Génio do Mal*? Condiz contigo. — Olhei em volta. — Porque é que mencionas este espaço como morada do senhorio?

— Oh, não sei. Talvez não queira gente maluca que me compara ao Anticristo a aparecer em minha casa a qualquer hora do dia.

Não consegui deixar de me rir um pouco. Esta era uma causa perdida.

— Está certo, bem, claramente a minha visita foi em vão, por isso diverte-te a fazer exercício.



Nessa tarde, os membros da Orquestra Sinfónica de São Francisco visitaram o centro de juventude. Fizeram um pequeno espetáculo só para nós. Observar os sorrisos nos rostos das crianças enquanto brincavam com os instrumentos sofisticados lembrou-me do quanto gostava do meu trabalho.

Enquanto todos os presentes estavam focados nos nossos convidados, reparei numa das adolescentes, a Ariel Sandoval, aninhada a um canto com o telemóvel na mão. A posse de aparelhos eletrónicos ia contra as regras do centro, visto ser um local de aprendizagem. Os adolescentes que tivessem telemóveis eram obrigados a deixá-los num cesto na secretaria e só os podiam recolher quando fossem embora.

— Ariel, está tudo bem? Devias estar a participar, como todos os teus colegas.

Ela abanou a cabeça em sinal negativo.

— Desculpe. Eu sei que não devia estar com o telemóvel. Mas preciso dele. E não, não está tudo bem.

Sentei-me no chão ao lado dela. Senti o frio no meu rabo.

— O que se passa?

— É o Kai. Estou de olho no *Facebook* dele para ver se alguém o identifica.

O Kai, namorado dela, era um dos alunos do centro de juventude e jogava na equipa de basquetebol do centro. Ele era objeto da afeição de mais do que uma rapariga. Quando descobri que a Ariel e o Kai namoravam fiquei preocupada, não só devido à idade deles, visto terem ambos 15 anos, mas também devido à popularidade do Kai.

Por isso, não fiquei minimamente surpreendida quando ela disse:

— Acho que ele anda com outra rapariga.

— Como é que sabes?

— Na semana passada não veio nenhuma vez ao centro depois da escola, e o meu irmão disse que viu o Kai num centro comercial com uma rapariga.

Senti um aperto no coração. Queria dizer-lhe que o mais provável era estar certa em relação a ele, mas não sabia se ela estava emocionalmente preparada para ouvir isso.

— Bem, não tires conclusões precipitadas até o confrontares, mas devias, sem dúvida, falar com ele. É melhor saber destas coisas do que, mais tarde, ser apanhada de surpresa. Não queres desperdiçar o teu tempo com alguém que não é honesto.

Eu falava por experiência própria.

Embora, tecnicamente, o Elec não me tivesse traído fisicamente, traíra-me emocionalmente. A Ariel limpou os olhos e depois virou-se para mim.

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro.

— O que é que aconteceu entre si e o Elec?

Senti uma pontada no estômago. Não esperava que ela trouxesse o Elec à baila, e era uma história demasiado longa para contar.

O Elec era o técnico preferido de todos. Quando ele deixou o centro, as crianças ficaram arrasadas. Todos no centro sabiam que éramos namorados e todos se divertiram a valer com o assunto.

— Queres saber porque é que acabámos?

— Sim.

Se tinha de resumir tudo numa única frase, havia apenas uma resposta possível.

— Ele apaixonou-se por outra pessoa.

A Ariel parecia confusa.

— Como é que é possível estarmos apaixonados por uma pessoa e, sem mais nem menos, apaixonarmo-nos por outra?

Ah! A pergunta do ano!

— Estou a tentar descobrir a resposta a essa pergunta, Ariel.

— Eu lembro-me da forma como ele se comportava ao pé de si. Parecia que estavam mesmo apaixonados.

— Pensava que estávamos — sussurrei.

— Acha que ele nunca a amou... ou simplesmente ele amava mais a outra rapariga?

Era como se aquela adolescente de 15 anos tivesse entrado na minha alma e escolhido a pergunta que eu mais fizera a mim própria. Queria ser sincera com ela.

— Não tenho a certeza se existem diferentes níveis de amor ou se o abandono dele significa que nunca me amou. Não compreendo se é possível simplesmente deixarmos de amar alguém. Estou a tentar arranjar resposta para estas perguntas. Mas a verdade é que, se alguém te trai, não te ama.

Ela ficou absorta.

— Sim.

Dei-lhe um encontrão com o ombro e sorri.

— Mas sabes quais são as boas notícias? Ainda és muito nova e tens muito tempo para encontrar o rapaz certo, se ele não for o Kai. Neste momento, estão numa idade muito difícil, provavelmente a fase mais difícil da vossa vida. Têm as hormonas aos saltos e estão a descobrir a vossa identidade.

— E a Chelsea?

— Eu o *quê*?

— Encontrou outra pessoa?

— Não. — Fiz uma pausa e olhei para os meus sapatos. — Nem sei se encontrarei.

— Porque não?

Como poderia arruinar as esperanças desta jovem? Como poderia admitir em voz alta que achava que não conseguiria voltar a confiar noutro homem? Esse era um problema pessoal meu, e recusava-me a cobri-la com a minha negra nuvem de dúvida.

— Sabes que mais? Tudo é possível, Ariel — respondi, sorrindo. Se ao menos eu acreditasse nas minhas palavras.

Buraco na parede

— **S**ó tenho uns minutos antes de me chamarem para fazer a maquilhagem para o espetáculo, mas conta-me o que se está a passar — disse a Jade.

Tinha enviado uma mensagem à minha irmã ao início da tarde: «Não vais acreditar nisto. Liga-me.» Foi logo depois de descobrir a identidade do meu senhorio.

— Lembras-te do Artista Zangado?

— Foste para a cama com ele?

— Não!

— Então o que se passa?

— Afinal ele é o dono do prédio.

— Não acredito!

— Isto não é nada bom.

— Porque não? Eu acho que é excelente! — exclamou ela.

— Em que sentido? Agora nunca vou conseguir que aqueles cães se calem.

— Não, quero dizer, quando começarem a ir para a cama, não terás de pagar renda.

— Não vou para a cama com ele. Porque ele é um idiota. E mesmo que num qualquer universo bizarro eu fosse... *nunca* deixaria de pagar renda. Isso transformar-me-ia numa espécie de prostituta.

Ela riu-se.

— Hum.

— O que foi?

— Sabias que o sexo de raiva é o melhor tipo de sexo?

— Sim, já disseste isso. Não posso dizer que alguma vez tenha experimentado.

— Bem, quando o experimentares com o... como é que ele se chama?

— Damien. É esse o nome dele. Não vou fazer sexo de raiva com o Damien.

— Damien? Como a personagem do filme *O Génio do Mal*?

— Foi exatamente isso que eu lhe disse! Mencionei esse filme quando ele me disse o nome. Não pareceu muito satisfeito.

— Quando é que ele parece satisfeito com o que quer que seja?

Rindo-me entre dentes, respondi:

— Bem visto.

— Mas é jeitoso. Raios... estão a chamar-me. Tenho de ir.

— Muita merda!

— Vai comer o teu senhorio!

— És louca.

— Adoro-te.

— Também te adoro.

As conversas com a minha irmã deixavam-me sempre bem-disposta.

Faltava uma hora para a minha sessão de terapia por telefone, por isso decidi sair para comprar o jantar. Ao subir as escadas, cruzei-me com o Murray, o zelador do prédio. Estava a assobiar enquanto varria as escadas e as dezenas de chaves que ele transportava presas ao cinto batiam umas nas outras, criando um som metálico.

— Olá, Murray!

— Olá, minha linda.

— Não costumavas trabalhar às terças-feiras.

— Ando um pouco apertado de dinheiro. O patrão deixou-me fazer umas horas extra.

— Por patrão, referes-te ao D. H. Hennessey?

— Sim, o Damien.

— Conheci-o há pouco tempo. Não fazia ideia de que o senhorio era o meu antissocial vizinho do lado, dono de uns cães que não param de ladrar.

O Murray riu-se baixinho.

— Sim, ele não costuma gabar-se disso.

— Qual é o problema dele?

— Queres saber como é que um jovem como ele chegou a dono deste prédio?

— Bem, sim, isso também, mas porque é que ele é tão antipático?

— Ele é cão que ladra mas não morde.

— Estás a fazer uma brincadeira com a situação?

— Sim — riu-se ele. — No fundo, o Damien é boa pessoa. Deixa-me fazer horas extra sempre que preciso e é muito generoso na altura do Natal... mesmo que, por vezes, pareça que tem um pau enfiado no rabo.

— Um pau? É mais um bastão — disse eu, rindo.

— Nalguns dias, sim. Mas ele põe-me comida na mesa, por isso não me vais ouvir queixar dele. — O Murray piscou-me o olho.

— Mas ele é muito talentoso — disse eu. — Tenho de admitir isso.

— Também é inteligente. Acredita em mim. Diz-se por aí que ele tirou a licenciatura no Massachusetts Institute of Technology.

— No MIT? Estás a brincar?

— Não. As aparências iludem. Ele inventou uma coisa qualquer. Vendeu os direitos para a patente e depois, ao que parece, usou o dinheiro para investir em imobiliário. Agora vive das rendas e faz o que quer... cria arte.

— Uau. Isso é bastante impressionante.

— Mas não fui eu que te contei.

— Combinado, Murray.

— Tens planos para hoje à noite?

— Não. Vou agora comprar o jantar e trazê-lo para casa.

— Bem, diverte-te.

— Assim farei.

Vinte minutos depois, regresssei ao apartamento com *tostones* e arroz branco com *gandules* do meu restaurante preferido, a Casa

del Sol. Depois de engolir sofregamente a comida, sentei-me no meu quarto e meditei um pouco, para me preparar para a minha sessão de terapia por telefone com a Dra. Veronica Little, especialista em traumas de relacionamentos.

A 200 dólares por uma hora de sessão, a Dra. Little não saía barata. A minha mãe sugerira que consultasse um terapeuta para falar sobre os meus sentimentos. Embora não tivesse a certeza se estava a funcionar, continuei com as sessões todas as terças-feiras à noite, às oito e meia.

Talvez devesse ter encaminhado as faturas para o Elec.



Pus a minha terapeuta em alta-voz enquanto dobrava a roupa lavada no quarto.

— Faz muitas vezes essa pergunta, Chelsea. Se o Elec a amava verdadeiramente ou não. Acho que, em parte, o motivo pelo qual não conseguimos ultrapassar essa questão pode ser explicado através do conceito do unicórnio.

— Do unicórnio? O que é isso?

— Um unicórnio é um ser inatingível com uma beleza mítica, certo?

— OK...

— Para o Elec, a Greta era esse ser. Ele tinha excluído a possibilidade de a amar porque ela era o fruto proibido. Entretanto, ele conseguiu apaixonar-se por si. Esse amor era bastante genuíno. Contudo, quando o unicórnio se tornou subitamente atingível, tudo mudou. O poder do unicórnio é extremamente poderoso.

— Então o que está a dizer é que o Elec me amou verdadeiramente, mas apenas enquanto achava que viver um amor com a Greta era uma impossibilidade. Ela era o unicórnio dele. Eu não era um unicórnio.

— É isso mesmo... a Chelsea não era o unicórnio dele.

— Eu não era o unicórnio dele... — repeti, num sussurro.
— Posso só...

— Lamento, Chelsea. Hoje o nosso tempo chegou ao fim. Exploraremos um pouco mais esta questão na próxima terça-feira.

— Está bem. Obrigada, Dra. Little.

Soltando um longo suspiro, deitei-me na cama e tentei arranjar sentido para o que ela tinha acabado de dizer.

Unicórnio. Hum.

Petrifiquei quando ouvi o som de risos. Primeiro pensei que se tratava da minha imaginação.

O riso vinha detrás da minha cabeceira.

Levantei-me de um salto.

— Unicórnio. Mas que raio! — disse ele na sua voz grave antes de desatar novamente a rir.

Damien.

Ele tinha estado a escutar a minha sessão de terapia!

Senti um aperto no estômago.

Como é que ele conseguiu escutar a conversa toda através da parede?

— Estiveste a ouvir a minha conversa? — perguntei.

— Não. Tu é que estiveste a interromper o meu trabalho.

— Não percebo.

— Há um buraco na parede. Não consigo evitar ouvir as tuas deprimentes conversas telefónicas quando estou a trabalhar.

— Um... buraco na parede? Sabias deste buraco?

— Sim. Ainda não tive tempo de o arranjar. Já devia estar aí quando comprei o prédio. Provavelmente deve ter sido usado como *glory hole*¹ ou coisa que o valha.

— Estiveste a ouvir a minha conversa através de um *glory hole*?

— Não. Tu é que me estiveste a sujeitar a conversas estúpidas com pessoas que te estão a extorquir dinheiro... através de um *glory hole*.

— Tu és cá um...

— Idiota chapado?

¹ Buraco utilizado sobretudo em casas de banho públicas, onde o homem insere o órgão genital para a troca de carícias anónimas de natureza sexual. [N. T.]

O teu bacon deixa-me louco

No dia seguinte, já no trabalho, não conseguia ultrapassar o facto de o Damien ter escutado as minhas conversas privadas. Isso era sequer legal?

Na noite anterior, após a sua revelação, apressei-me a travar a nossa comunicação através da parede, dirigindo-me à sala de estar e terminando uma garrafa de *Zinfandel* enquanto comia massa de bolacha.

Felizmente, hoje estava demasiado atarefada no centro de juventude para deixar que o assunto me consumisse totalmente, visto tratar-se da noite do evento anual de «pequeno-almoço ao jantar». Uma vez por ano, a equipa cozinhava um pequeno-almoço gigante na cozinha de tamanho industrial para todas as crianças. A minha responsabilidade era fritar quilos de bacon.

Quando voltei para casa, literalmente a tresandar a gordura de bacon, voltei a cismar na questão do buraco na parede. Tinha reparado que a abertura ficava exatamente atrás da minha cama. A minha única salvação era que, se o meu quarto era ao lado do escritório dele, talvez ele não estivesse lá à noite com tanta frequência quanto estaria se fosse outra divisão. Talvez não tivesse escutado todas as minhas sessões. Ou talvez estivesse apenas a enganar-me a mim própria.

Exatamente quanto é que o Damien saberia? Eu falei de assuntos deveras privados com a Dra. Little. Relembrei mentalmente toda a nossa conversa durante o caminho até casa e quase esbarrei contra uma banca de fruta.

Inflamada pela fúria, ao chegar ao prédio passei de forma impulsiva pela minha porta e dirigi-me ao apartamento do Damien. Por algum motivo, os cães, que por norma estavam sossegados durante a noite, começaram a ladrar desalmadamente.

Comecei a bater insistentemente na porta, planeando exigir ao Damien que me dissesse tintim por tintim aquilo que tinha escutado através da parede. Quando ele não abriu a porta, bati com mais força. Os latidos intensificaram-se, mas ele continuava sem abrir. Quando estava prestes a virar costas e ir embora, a porta abriu-se de rompante.

O cabelo escuro do Damien estava húmido e as gotas de água pingavam da testa para o peito. Estava completamente encharcado. A parte inferior dos abdominais em forma de V era a prova de que todo o exercício físico que ele fazia no piso de baixo estava a resultar. Uma pequena toalha em volta da cintura era a única peça que cobria o seu corpo nu.

Que corpo musculado e tonificado. Minha nossa!

Ele era obscenamente atraente.

Ergui o olhar.

— Porque é que vens abrir a porta nesses preparos?

— *Porquê?* Eu é que pergunto *porque* é que estás a bater à porta como uma maluca? Tentei evitar ter de sair do chuveiro, mas pensei que havia algum problema grave. E que raio de cheiro é este? Não é bacon, pois não?

— É. Estive a fritar bacon no trabalho. Eu...

— Merda! — resmoneou ele.

— Vim falar contigo sobre arranjares o buraco na minha parede, mas como é óbvio...

Antes de conseguir terminar a frase, os dois *rottweilers* pretos atiraram-se a mim, deitando-me ao chão com a força do seu peso. Lamberam-me freneticamente o rosto, pescoço e peito enquanto eu permanecia deitada no chão do corredor. Também abocanharam a minha camisola.

Apavorada, consegui exclaimar:

— Tira-os de cima de mim!

O Damien viu-se aflito para agarrar nos cães enormes e conseguir tirá-los de cima de mim. O meu rosto estava pegajoso da baba.

Ele puxou-os de volta ao apartamento enquanto as patas deles raspavam e patinhavam pelo soalho. O Damien voltou depois ao corredor, fechando a porta atrás de si para trancar os cães no interior.

Esticou o braço e eu agarrei-lhe a mão, e ele ergueu-me, lentamente mas com vigor, como se o meu corpo fosse leve como uma pena.

Emudecida, baixei o olhar para o meu corpo. Faltava um pedaço enorme de tecido na parte da frente da minha camisola, deixando o meu soutien à mostra.

Ele parecia estar com dificuldades em saber o que dizer.

— Chelsea, eu...

— Estás contente agora? Olha o que eles me fizeram.

— Foda-se. Estás a gozar? Não. Não estou contente. Os cães são obcecados com bacon, percebes? É uma espécie de nêveda-dos-gatos para eles. Foi por isso que saltaram para cima de ti. Porque é que vieste para aqui a tresandar a bacon?

— Tenho de ir — disse eu, encaminhando-me para a minha porta.

Ele tentou deter-me.

— Espera.

— Não, por favor. Só quero esquecer que isto aconteceu.

Regressei ao meu apartamento, deixando o Damien ali espedado com as mãos na cintura.



Depois de um duche quente, consegui acalmar-me um pouco e comecei a pensar que talvez tivesse exagerado ao culpar o Damien pela ação tresloucada dos cães. Ele dera o seu melhor para os tirar rapidamente de cima de mim, o que não fora tarefa fácil, tendo em conta que também tinha de agarrar na toalha para não revelar o material.

E também tinha quase a certeza de que ele estava a tentar pedir desculpa antes de eu o ter interrompido. Mesmo assim, eu ainda tinha um assunto pendente a tratar com ele, sobre o andar a escutar as minhas conversas às escondidas. Mas esta noite não iria abordar o problema. Estava demasiado cansada e sentia-me derrotada.

Peguei na minha mala, decidida a ir a pé até ao supermercado e comprar uns ingredientes simples para fazer o jantar. Ao sair, quase tropecei num pequeno saco. Dobrei-me para pegar nele e reconheci que era da *Casper's*, a loja local de t-shirts cómicas.

No interior, havia uma t-shirt cor de ferrugem em tamanho S com letras brancas. Dizia *You Bacon Me Crazy*² e tinha uma cara sorridente com lábios feitos de tiras de bacon.

Não havia nenhuma nota no saco, mas eu sabia que tinha de ser do Damien.

Na viagem de regresso a casa com as minhas compras, não conseguia deixar de pensar na t-shirt que ele me oferecera como uma tentativa de tréguas. Estaria eu a ser uma cabra e a exagerar em relação a tudo, desde o buraco na parede até ao ataque do bacon? Sinceramente, não sabia. Só sabia que não gostava da pessoa exageradamente sensível em que me tornara no último ano.

Depois de fazer um jantar rápido com esparguete e molho de marinara, regresssei ao meu quarto para ler. Sempre que me sentava na cama, não conseguia deixar de me questionar se o Damien estaria do outro lado da parede.

Quando pensei que tinha ouvido um ruído atrás de mim, perguntei:

— Estás aí?

Após uma breve pausa, ouvi o som grave da voz dele.

— Sim, estou. Mas estou a trabalhar no meu escritório. Não estou a bisbilhotar.

Não estava mesmo a contar com uma resposta, por isso o meu coração acelerou.

Passado um minuto, decidi quebrar o gelo.

² Em tradução livre: O teu bacon deixa-me louco. [N. T.]

— Obrigada pela t-shirt.

— Bem, estava a dever-te uma t-shirt.. e um pedido de desculpas.

— Eu sei que não te cheguei a dar uma hipótese de pedir desculpa. Lamento. — Ele não disse nada, por isso eu prossegui: — Como é que eles se chamam? Os cães.

— *Dudley e Drewfus.*

— Que giro. Como é que te lembraste desses nomes?

— Não fui eu.

— Então quem foi?

— A minha ex.

Interessante.

— Estou a ver.

— Porque é que eles são tão sossegados de noite... como agora... mas tão barulhentos de manhã?

— Não estão aqui.

— Onde estão?

— Estão com ela. Partilhamos a custódia. Ela deixa-os aqui de manhã, antes de ir para o trabalho, e eu levo-os lá à noite.

— Uau. Já me tinha questionado porque é que nunca os ouço à noite. Agora tudo faz sentido. — Tinha de saber mais. — Então eras casado?

— Não, é uma ex-namorada.

— Ela vivia aqui contigo e com os cães?

— Para alguém que não queria que me metesse na sua vida, és uma abelhuda do diabo.

— Desculpa. Mas acho que é justo saber depois de teres ouvido tanta coisa sobre mim, não te parece?

Ele suspirou.

— Sim, ela vivia aqui.

— O que é que aconteceu?

— O que é que te parece? Separámo-nos.

— Isso sei eu. O que eu quero saber é: porque não resultou?

— Nem sempre há uma resposta clara a essa pergunta. Nem sempre é assim tão simples como... — Ele hesitou. — Alguém ir para a cama com a filha da sua madrasta.

POR VEZES, A CURA PARA UM CORAÇÃO PARTIDO PODE ESTAR NA PORTA AO LADO...

Eu sofri uma das piores traições: o meu namorado trocou-me por outra. Foi avassalador, mas aprendi com os erros e decidi nunca mais confiar em ninguém... até o meu caminho se cruzar com o do Damien.

Pouco depois de me mudar para o meu novo apartamento, conheci o meu carrancudo (e delicioso) vizinho do lado, bem como os seus companheiros de casa, dois *rottweilers* barulhentos. Por partilharmos uma parede, a privacidade é inexistente. Quer isto dizer que ele consegue ouvir todas as minhas conversas privadas... e ainda rir-se delas!

Quando lhe bati à porta para pedir satisfações, os cães dele atacaram-me (aparentemente, o meu cheiro inebriante levou-os à loucura). Mas o Damien foi bastante carinhoso, pediu desculpa e pôs fim à nossa quezília.

Depois disso, o que começou como uma briga de vizinhos transformou-se em muito mais. A química entre nós é palpável, mas, por alguma razão, o Damien é ainda mais esquivo do que eu no que toca a relações sérias. Sinto que está a esconder-me algo e que quer afastar-me com a conversa de sermos apenas «bons» amigos.

- Mas será que ele vai confiar em mim e revelar os seus medos?

Não perca também,
da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897874789



9 789897 874789 >